

A biografia e a escrita de si: os usos políticos de um relato de viagem no Oitocentos

Biography and self-writings: the political uses of a travel report in the 19th century

Eveline Almeida de Sousa

Professora Adjunta de História
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)
evelinehistor@gmail.com

Recebido: 27/11/2023

Aprovado: 12/02/2024

Resumo: Neste artigo analiso as relações entre o relato de viagem, os indícios de uma escrita de si e os usos políticos desse tipo de registro, por meio da obra *Viagem de Cuiabá ao Rio de Janeiro, pelo Paraguay, Corrientes, Rio Grande do Sul e Santa Catarina*, de 1847, de Henrique Beaurepaire Rohan. O objetivo deste trabalho é narrar a volta do engenheiro militar para o Rio de Janeiro, em 1846, após dois anos servindo na província do Mato Grosso. A memória é marcada pela descrição das paisagens, dos aspectos sociais, culturais e políticos do Paraguai e configura-se como um primeiro exercício de escrita corográfica do engenheiro, gênero comum entre os militares do Império. Além da descrição pretensamente objetiva, o texto carrega intenções veladas e marcas pessoais que apontam para a construção de uma “escrita de si” (GOMES, 2004) e de uma “imagem para os outros” (POLLAK, 1992), que o autor construía possivelmente em busca de reconhecimento político e intelectual, principalmente no campo socioprofissional no qual atuava.

Palavras-chave: Biografia; Escrita de si; Escrita corográfica

Abstract: In this article I analyze the relationships between a travel report, the signs of self-writing and the political uses of this type of record, through the work *Viagem de Cuiabá ao Rio de Janeiro, through Paraguay, Corrientes, Rio Grande do Sul e Santa Catarina* (Journey from Cuiabá to Rio de Janeiro, through Paraguay, Corrientes, Rio Grande do Sul and Santa Catarina), from 1847, by Henrique Beaurepaire Rohan. The objective of this work is to narrate the military engineer's return to Rio de Janeiro, in 1846, after two years serving in the province of Mato Grosso. The memory is marked by the description of the landscapes, social, cultural and political aspects of Paraguay and is configured as the engineer's first exercise in chorographic writing, a common genre among the Empire's military. In addition to the supposedly objective description, the text carries veiled intentions and personal marks that point to the construction of a “writing of the self” (GOMES, 2004) and an “image for others” (POLLAK, 1992), which the author constructed possibly in search of political and intellectual recognition, mainly in the socio-professional field in which he worked.

Keywords: Biography, Self-writing, Chorography writing

Entre a escrita biográfica e a escrita de si

As conexões entre os escritos biográficos e o conhecimento histórico são longevos e marcados por diferentes nuances, questionamentos, aproximações e distanciamentos, caracterizando uma “fronteira imprecisa entre história e biografia” (LORIGA, 1998, p. 225). A articulação e os limites entre os processos históricos mais amplos e o destino individual dos sujeitos são um dos principais dilemas entre a escrita da história e a história de vida, embora não seja o único. Para Giovanni Levi, atualmente, o fato histórico e a vida de um homem estão em uma fase intermediária, “mais do que nunca a biografia está no centro das preocupações dos historiadores, mas denuncia claramente suas ambiguidades” (LEVI, 1998, p. 167).

O vínculo da disciplina com a escrita da vida dos indivíduos ganhou novo fôlego a partir dos anos 1970 e 1980, quando a crise dos modelos interpretativos nas ciências sociais, que privilegiavam as grandes estruturas socioeconômicas, apontou para novas possibilidades de pensar os sujeitos que, em geral, figuravam sem rosto, diluídos no conjunto da classe social. Sabina Loriga ressalta que o indivíduo voltou a ocupar um lugar de destaque nas análises dos historiadores especialmente a partir das dimensões do “cotidiano” e das “subjetividades”. Nesse aspecto, as classes populares passaram a ser encaradas, também, por meio da diversidade de experiências e sujeitos que a compõe (LORIGA, 1998, p. 225). De acordo com a autora: “[...] a atenção se deslocou da atividade econômica e política do camponês ou do operário para a subjetividade do seu ‘vivido’” (*Ibidem*, p. 226). Embora essa perspectiva não seja a única explicação para a revalorização da biografia na história.

Para além das biografias e das autobiografias propriamente ditas, cujo objetivo principal é a escrita da vida de um indivíduo, podemos encontrar indícios de escritos biográficos em fontes históricas de outra natureza. Há registros que, embora não tenham sido produzidos com a intenção de narrar a trajetória de uma pessoa, desvelam marcas e traços de uma “escrita de si”. Segundo Angela de Castro Gomes, essa modalidade de produção do eu, que emerge da necessidade do indivíduo moderno de buscar uma imagem para si por meio de seus documentos, relaciona-se com as formas como o autor se projeta e se representa no texto, buscando construir uma identidade.

Nesse processo, autor e texto são constituídos e reconstituídos simultaneamente, de modo que o autor não é nem anterior e nem posterior ao texto (GOMES, 2004, p. 15).

Neste trabalho, analiso o relato de viagem como um exercício de escrita de si e os usos políticos presentes nesse tipo de fonte. Mais precisamente, examinarei o relato *Viagem de Cuiabá ao Rio de Janeiro, pelo Paraguay, Corrientes, Rio Grande do Sul e Santa Catarina*, publicado em 1847 na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), escrito pelo engenheiro militar Henrique Beaurepaire Rohan. Através deste relato, no qual o engenheiro descreve seu retorno para o Brasil depois de dois anos no Mato Grosso, é possível depreender intenções veladas e formas de autorrepresentação ligados a uma busca por reconhecimento.

Henrique Pedro Carlos Beaurepaire Rohan (1812-1894) foi engenheiro militar, oficial do exército, que atuou em várias províncias do Império, acumulando cargos ao longo da vida, não apenas nos quadros militares, mas, igualmente, na administração imperial. No período das Regências foi enviado à Bahia e, posteriormente, ao Rio Grande do Sul, com a missão de combater as forças contrárias ao Império naquelas províncias. Durante a Guerra contra o Paraguai, assumiu o posto de ministro da Guerra no primeiro ano de conflito, em 1864 (MELLO, 1899).

De acordo com Francisco Homem de Mello, Rohan foi designado em diversas ocasiões pelo governo imperial para realizar o levantamento de plantas, mapas e topografias para a construção de estradas e obras públicas (*Ibidem*). Dentre sua atuação como engenheiro-geógrafo, destaca-se sua participação na Comissão da Carta Geral do Império, entre 1874 e 1878, quando, sob sua presidência, foi publicada a Carta do Império do Brasil de 1875, considerada um marco da cartografia imperial.¹ Mais tarde, publicou a Carta do Brasil de 1883, mapa com maior precisão e rigor técnico, se comparado ao de 1875, embora menos celebrado que o anterior (SOUSA, 2022, pp. 166-167). Deste modo, o engenheiro exerceu um papel importante no esquadramento do território nacional e na cartografia do Império.

Beaurepaire Rohan exerceu ainda os cargos de presidente de província na recém-criada província do Paraná (1855), no Pará (1856-1857) e na Paraíba do Norte (1857-1859). Além disso,

¹ A Carta do Império do Brasil é considerada um marco na cartografia imperial devido a quantidade de elementos que o mapa conseguiu abarcar e às circunstâncias de sua produção que contou com a participação de autoridades, como o diplomata Duarte da Ponte Ribeiro. O mapa foi premiado na Exposição Universal da Filadélfia de 1876 (CAPILÉ; VERGARA, 2013; LEAL MENEZES, 2011).

elaborou diversas memórias, relatórios e estudos corográficos nos quais discutia temas como educação e escolas agrícolas, a grande propriedade, civilização indígena, história nacional, entre outros assuntos (*Ibidem*, pp. 19-20). Próximo à monarquia, condição que herdou de sua família², foi um defensor da ordem imperial, estrutura na qual estava muito bem ajustado, o que não o impediu de defender reformas políticas e sociais, eventualmente mais alinhadas à geração que criticou a ordem Saquarema. Angela Alonso apontou que novos liberais, positivistas e cientificista nos anos 1870, teceram uma crítica coletiva às instituições imperiais e aos modos de pensar da tradição político-intelectual do Segundo Reinado – estrutura da qual Henrique Rohan era oriundo (ALONSO, 2002, p. 170). O engenheiro, porém, estreitou suas relações com os círculos abolicionistas da Corte nos anos 1880 e condenou não apenas a escravidão, mas também a concentração de terras no país.³

Um misterioso Paraguai

Henrique Beaurepaire Rohan era major graduado do exército quando partiu em 1844 para o Mato Grosso com a missão de levantar a planta do Baixo Rio Paraguai e dar notícias sobre a fronteira entre os dois países (MELLO, 1899, p. 51). No período em que permaneceu nas terras mato-grossenses, ele trabalhou junto à administração da província na reunião de dados e informações sobre a região a fim de mapear a demografia, a produção econômica local, e registrar características físicas e históricas (SOUSA, 2022, pp. 77-78). Rohan pesquisou nos arquivos de Cuiabá documentos do século XVIII que o ajudaram a recuperar a trajetória de fatos históricos da colonização à Oeste do território português na América (ROHAN, 2001). São atribuídos a ele a primeira corografia do Mato Grosso, bem como a primeira estatística daquela província.

Após dois anos no Mato Grosso, ele retornou para o Rio de Janeiro em 1846, atravessando o rio Paraguai, optando por um caminho mais longo para que pudesse visitar a República paraguaia e,

² A família de Henrique Rohan tinha origens aristocráticas francesa e britânica. Sua mãe, Margarida Skeys de Rohan era filha do cônsul inglês no Brasil. Seu pai, Jacques Antonio Marcos de Beaurepaire, oriundo de uma linhagem de militares franceses, havia construído relações com a família real desde Portugal, uma vez no Brasil, atuou como comandante militar nas comarcas de Ilhéus e Porto Seguro (1823), posteriormente, ajudou a “sufocar as efervescências políticas na Bahia”, em 1826, foi nomeado comandante de armas no Piauí (ROHAN, 1899, pp. 8-10 e pp. 18-20). As relações sociais e políticas que o pai de Henrique desenvolveu com os círculos monárquicos foram fundamentais para encaminhar os filhos em postos confortáveis e de prestígio naquela sociedade (*Ibidem*, p. 29-30).

³ O engenheiro militar publicou dois importantes panfletos nesse sentido: *O futuro da grande lavoura e da grande propriedade no Brasil* (1878) e *O abolicionista e seus adversários* (1884).

assim, trazer informações sobre o país pouco conhecido dos brasileiros. Deste modo, demonstra seu desejo em aproveitar o retorno para o Brasil para desbravar as terras guaraníticas, suas paisagens, sua população e seu sistema de governo.

Viagem de Cuiabá ao Rio de Janeiro, pelo Paraguay, Corrientes, Rio Grande do Sul e Santa Catarina foi publicado na revista do IHGB em 1847 e veiculado na mesma revista novamente em 1869. Há também uma versão de 1847, publicada pela tipografia Silva Sobral, em São Paulo, disponível atualmente na biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo. A obra descreve os lugares percorridos pelo engenheiro desde sua saída de Cuiabá, em 7 de abril de 1846, passando por Assunção, Corrientes na Argentina, entrando novamente no Brasil por Itapuaia, São Borja, Rio Pardo, Porto Alegre, atravessando o rio Paraguai e seus afluentes. Deste modo, além do Paraguai, ele alcança parte Argentina e permanece algumas semanas no Rio Grande do Sul, até chegar ao Rio de Janeiro pelo litoral atlântico, em 14 de setembro, após cinco meses navegando por rios e caminhos muitas vezes extenuantes.

Henrique Rohan construiu um diário de viagem com destaque para as características físicas, geográficas e morais dos lugares visitados, mas, principalmente, do Paraguai. Enquanto as canhoneiras *Vinte e Três de Fevereiro* e *Dezoito de Julho* avançavam pelo rio Cuiabá, ele registrava informações sobre a natureza do terreno, o padrão topográfico com a existência de morros e serras, o tipo de vegetação, a presença de animais, o sistema fluvial naquela região, entre outros aspectos do rio Paraguai nos lados brasileiro e estrangeiro (ROHAN, 1869, pp. 379-381). No limite entre os dois países, o engenheiro chamou a atenção para os alagamentos provocados pelas cheias desse rio, uma das principais especificidades da bacia hidrográfica do Paraguai:

Os terrenos alagadiços de ambas as margens do Paraguay formam o que alguns geógrafos chamam lago *Xarazé*, denominação viciosa, por não serem essas águas permanentes, e só resultarem dos transbordamentos periódicos, que principiam em Fevereiro e acabam em Agosto, sendo a máxima cheia em Junho (ROHAN, 1869, p. 379).

O major situava ainda os fortes e povoados que encontrava no caminho, como o Forte Nova Coimbra, que demarcava o último ponto do Brasil, e o Forte Olympo, que sinalizava o início do território paraguaio, bem como, a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque (Brasil)

e a Vila de Conceição (Paraguai), localidades onde paravam para descansar e reabastecer suas provisões (*Ibidem*, pp. 382-385).

Um dos elementos que se destacam em sua narrativa são as impressões sobre os grupos indígenas que viviam às margens do rio Paraguai, identificando aldeias de Guanás, Guaicurús e Kinikindos, entre outros. Sobre os Guató, que habitavam os arredores de Cuiabá, Rohan evidenciou seus costumes poligâmicos, sua independência, seu hábito de viver em canoas com suas famílias e seus animais, e o comércio de víveres que praticavam em troca de ferramentas e artefatos (*Ibidem*, pp. 378-379). Ao observá-los, ressaltou sua autonomia:

Vivem da caça e da pesca, de que muito abundam estas regiões, e prestam alguns serviços aos viajantes, quando a recompensa oferecida lhes parece corresponder a importância do trabalho que se lhe propõe; do contrário, e receosos de serem lesados, resistem a todas as solicitações, e não há então razão que os possa convencer (*Ibidem*, p. 378).

Menção especial ele fez aos Kinikindos, aos quais se refere como “estimáveis”, o que denota certa amizade entre o engenheiro militar e os indígenas, retratados como muito trabalhadores e dedicados a agricultura (*Ibidem*, pp. 381-382). Comenta ainda sobre o cuidado que se deveria ter com as nações consideradas “selvagens” e “belicosas”, como os Enima e os Guaicurús, que viviam no Gran-Chaco. As considerações sobre os povos indígenas, no entanto, não eram marcadas apenas pelo interesse em registrar sua cultura e seus costumes. Em uma perspectiva assimilacionista, Henrique Rohan defendeu a civilização e a catequese dos povos nativos da região para o incremento da população da província do Mato Grosso (*Ibidem*, p. 183).

Ao chegar em Assunção, em 12 de maio de 1846, Rohan ressalta que sua comitiva foi muito bem recebida pelos paraguaios com “salvas de artilharia”. Uma vez na capital da República do Paraguai, o engenheiro militar buscou captar todos os elementos da paisagem, a topografia, o clima, o número de ruas e instituições, como um único Liceu e o Bispado da cidade, até a maneira de viver da população que definiu como “simples e modesta” (*Ibidem*, pp. 386-387).

Sua imagem do país e da cidade fundada pelos espanhóis em 1536, é bastante positiva, o que certamente está relacionado à forma cortês com a qual foi recepcionado. Por intermédio do

encarregado de negócios do Brasil no Paraguai, José Antonio Pimenta Bueno, a comitiva de Henrique Rohan foi recebida pelo presidente da República D. Carlos Antonio Lopez, sendo convidados em sua casa para um jantar. Nessa ocasião, o autor teceu elogios aos paraguaios, ressaltando o clima amistoso entre eles e os brasileiros:

[...] Sr. presidente da república D. Carlos Antonio Lopez, que nos acolheu com a maior distinção. À noite achamo-nos na casa da sua excelentíssima família, onde se reuniram outras senhoras. As paraguaias são formosas, bem conservadas, e se apresentam com graça nos bailes ou saraus, onde muito se dança ao som da harpa e da guitarra, instrumentos musicais mais usados no país. Em geral, homens e mulheres são joviais e hospitaleiros, tendo, além disto, a qualidade, que muito devemos apreciar, de serem decididos amigos dos brasileiros (*Ibidem*, p. 387).

No que diz respeito a população do país, ele comenta que são cerca de 900.000 habitantes, composta por “brancos, índios, pardos, mestiços, poucos pretos, e ainda menos escravos, cujos filhos nascem hoje livres, em virtude de uma lei novíssima [...]” (*Ibidem*, p. 389). Embora os filhos de escravas que nasciam livres fossem obrigados a servir aos senhores até os vinte e cinco anos. As atividades produtivas também eram objeto de interesse do major, pois identificar as indústrias locais era uma forma de mensurar o nível de florescimento econômico de um país, de acordo com o imaginário oitocentista de progresso. Nesse sentido, ele pontua:

O clima é delicioso e o solo mui fértil. A indústria agrícola consiste na plantação da cana, algodão, anil, amendoim, tabaco, algum trigo, milho, pouco arroz, alguns legumes, poucas frutas, de que mais abunda, e até espontaneamente a laranja. Criam gado vaccum, cavallar, ovelhum, e em pequena quantidade o cerdoso [...]. A indústria fabril reduz-se à preparação do tabaco, charutos, extração do salgema, erva-mate, que é hoje monopólio do Estado, açúcar, aguardente, couros curtidos superiores [...]. Exportam apenas mate, tabaco, melaço, couros e madeiras, e importam gêneros de indústria europeia. Não há um só pé de café em toda a república, pelo que é este artigo mui caro e pouco usado (*Ibidem*).

Deste modo, na perspectiva do autor, o Paraguai se configurava como um país de base agrícola, de economia incipiente, com uma população diminuta, marcadamente miscigenada, com forte influência cultural da nação Guarani, mas em vias de crescimento, principalmente devido à estabilidade política alcançada nos anos 1840. Rohan fez algumas considerações sobre a situação

política do Paraguai naquele momento, para ele, apesar de ainda não possuir uma constituição que determinasse os direitos e deveres dos cidadãos, o país vivia uma fase de tranquilidade política sob a administração “paternal” de Carlos Antonio Lopez, após os anos conturbados de comando de José Gaspar Francia, considerado um ditador que exerceu “um poder cruel e violento” no Paraguai.⁴ Depois de dezesseis dias em Assunção, Henrique Beaurepaire Rohan continuou sua viagem, desta vez por via terrestre, com um passaporte assinado pelo próprio presidente (*Ibidem*).

A viagem seguiu pelo interior do país, no qual o engenheiro militar enfatizava os caminhos sofríveis e a precária comunicação entre os espaços, sempre observando e registrando paisagens, gentes e costumes, como em relação ao idioma falado no Paraguai, cuja predominância era do guarani, principalmente entre as mulheres, enquanto os homens falavam castelhano (*Ibidem*, p. 391). Ao alcançar o rio Paraná, o major chegou à província argentina de Corrientes, onde ficou poucos dias, para então adentrar novamente no território brasileiro, através da vila da São Borja no Rio Grande do Sul (*Ibidem*, p. 393).

O relato é extenso e repleto de informações que nos fornecem várias possibilidades de análise, não apenas para refletir sobre os limites entre Brasil e Paraguai e a posição do Mato Grosso no conjunto do Império, em meados dos anos 1840, mas também, pensar os significados dessa viagem na trajetória do autor — o que mais me interessa nesse trabalho. Para isso, não pretendo examinar a obra em sua totalidade, os fragmentos que apresentei são suficientes para situar as características gerais do texto, seu roteiro e o caráter da narrativa, dimensões importantes para compreender as marcas de si presentes em *Viagem de Cuiabá ao Rio de Janeiro*.

O estatuto da fonte e a corografia

Trata-se de um relato de viagem que se desloca entre um inventário do lugar com a descrição de todos os componentes do espaço físico e aspectos sociais, e uma etnografia, baseada na observação das populações e seu modo de vida. A descrição exaustiva da paisagem, dos rios, da topografia, dos moradores, das atividades produtivas, dos aspectos políticos, ou seja, o escrutínio do

⁴ José Gaspar Francia governou o Paraguai ... seu governo foi marcado pelo despotismo.

lugar, era uma forma de apropriação do território que se desdobrava em um tipo específico de registro: a corografia.

De acordo com Kaori Kodama, a corografia estava relacionada ao conhecimento do lugar, o que implicava na descrição de seus objetos, paisagens e seres, consistindo em um tipo de conhecimento voltado para a paisagem, baseado na experiência de quem esteve no lugar (KODAMA, 2008, p. 171). Por meio da experiência das autoridades nos sertões e nos lugares menos conhecidos do Império, principalmente militares, era produzido um “saber concreto” sobre o território. Desta forma, havia uma relação mútua entre esse conhecimento produzido e a experiência. Era um saber baseado na prática, na “dimensão do vivido” (*Ibidem*, p. 168).

Para a autora, a organização das informações, a precisão com dados sobre o tempo e a posição geográfica, demonstram uma relação muito específica com o espaço, fundamentada na experiência dos sujeitos (*Ibidem*, p. 176). Esse tipo de registro revela, em certa medida, como oficiais e autoridades se apropriavam do território. Ainda que Henrique Rohan não tivesse escrito uma corografia propriamente dita em *Viagem de Cuiabá ao Rio de Janeiro*, o modelo de narrativa que ele reproduz segue o estilo da escrita corográfica, com o delineamento dos aspectos físicos, da materialidade e das populações dos lugares por onde passou.

Os militares que atuavam na administração do Império percorriam diversas províncias, muitas vezes produziam relatórios, memórias e obras com notícias sobre as regiões nas quais estavam empregados ou cumprindo alguma missão. Antonio Ladislau Monteiro Baena, sargento-mor de artilharia, escreveu *Ensaio corográfico sobre a província do Pará*, em 1839; o marechal do corpo de engenheiros, Daniel Pedro Muller, escreveu o *Mapa Corográfico da província de São Paulo*, em 1837; e, Raimundo José da Cunha Mattos, marechal e membro da artilharia, publicou a sua *Corografia histórica da província de Minas Gerais*, também em 1837 (SOUSA, 2022, pp. 137-138).

O próprio Henrique Beaurepaire Rohan deixou uma corografia incompleta sobre a Paraíba, que foi publicada na revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba em 1911, e o esboço de uma corografia do Mato Grosso, texto que, igualmente, ficou inacabado, mas foi recuperado e publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso sob o título *Anais do Mato Grosso*, em 2001. Esse brevíssimo levantamento de obras aponta para uma convergência que havia entre o gênero corográfico e a experiência dos oficiais militares no Império (*Ibidem*, p. 140). O que nos ajuda

a compreender o estatuto de *Viagem de Cuiabá ao Rio de Janeiro*. Não obstante, há, ainda, outro significado importante nessa relação entre o registro corográfico e os sujeitos que o produziam.

Não por acaso, as corografias inacabadas do major foram retomadas, no século XX, pelos institutos históricos dos respectivos estados onde ele atuou. Tal qual o IHGB, essas instituições cumprem a função de preservar documentos, pesquisar, levantar fatos históricos e exaltar figuras ilustres que remontam ao passado histórico desses lugares dentro de um determinado modelo de história. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1838, tinha como objetivo principal “pensar de forma sistemática a história nacional, e assim, delinear sua identidade nacional no conjunto das nações” (SALGADO GUIMARÃES, 1988, p. 6). Para Manoel Luiz Salgado Guimarães, por meio da pesquisa e publicação de documentos importantes do passado histórico brasileiro, o Instituto visava demarcar a soberania brasileira e a construção de um projeto de nação (*Ibidem*, pp. 6-7).

A escrita da história no IHGB, marcada por uma forte tradição iluminista e elitista, contava ainda com o esquadramento do território nacional para construção da nacionalidade, registrando suas paisagens, sua natureza, suas gentes e seus espaços vazios. O entrecruzamento entre informações geográficas, sociais e históricas “representava um esforço para dar sentido ao território como uma faceta material da nação que se pretendia construir” (SOUSA, 2022, p. 96). Nesse sentido, a descrição dos espaços com todos os seus componentes, tal qual as corografias de Rohan, Baena, Muller e Cunha Mattos enfatizaram, estava circunscrito aos interesses do projeto de nação que o IHGB almejava.

A escrita corográfica atendia aos requisitos do modelo de história e representação do território que o IHGB privilegiava. A cartografia da paisagem que os militares realizaram estava alinhada aos objetivos da instituição ao tentar revelar o espaço físico, as cores e o território nacional. Lucia Maria Paschoal Guimarães, ao analisar os números da revista do IHGB e observar seus padrões científicos e práticas político-culturais, destacou as orientações do cônego Januário da Cunha Barbosa, um dos fundadores do IHGB ao lado de Raimundo José da Cunha Mattos, para a coleta de documentos e informações nas províncias aos sócios e correspondentes do Instituto:

As instruções de Januário contemplavam: biografias de brasileiros ilustres; cópias autênticas de documentos e extratos de notas pesquisadas em secretarias, arquivos, cartórios civis e eclesiásticos; notícias de costumes indígenas, lendas, sua catequese e civilização; descrições do comércio interno e externo das Províncias, seus principais produtos, rios, montanhas, campos, portos, navegação e estradas; fundação, prosperidade e ou decadência de vilas, arraiais e suas populações (GUIMARÃES, 2012, p.41)

No fragmento, é possível notar um número abrangente de informações geográficas, sociais e históricas dos lugares visitados que deveriam ser remetidas ao IHGB. As recomendações do cônego, expressas em *Lembranças do que devem procurar nas províncias os sócios do Instituto Histórico para remeterem à sociedade central do Rio de Janeiro* (1839), vão ao encontro dos elementos que Rohan apresentou em *Viagem de Cuiabá ao Rio de Janeiro*. Ainda que não fosse um texto exclusivamente sobre o Brasil, o estilo da narrativa segue as diretrizes apontadas por Cunha Barbosa e adotadas no Instituto.

Aqui, portanto, há um indício de que o relato da viagem ao Paraguai sinalizava para uma comunicação com o IHGB, onde o texto foi publicado um ano depois do retorno do major para o Brasil. As convergências entre corografia, as diretrizes do Instituto e a posição de Henrique Rohan como engenheiro militar, podem sugerir que, no ato de registrar a viagem e a forma como ele o fez, havia uma intenção de aproximar-se da instituição. Nesse sentido, podemos observar que, além do desejo genuíno em dar notícia sobre o Paraguai, o major pretendia estreitar seus laços com a principal entidade intelectual do país a abrigar os ilustrados ligados às elites imperiais.

De fato, *Viagem de Cuiabá ao Rio de Janeiro* é o primeiro texto de Henrique Rohan publicado na emblemática revista do IHGB, em 1847. Como já sinalizei, o relato foi publicado em outros veículos, inclusive no *Jornal do Comércio* (MELLO, 1899, p. 57), mas foi nas páginas do periódico do Instituto Histórico que ele ganhou maior relevância e uma nova edição em 1869. O também engenheiro militar e amigo de Rohan, Alfredo d'Escragno Taunay, afirma em seu *Visconde de Beaurepaire Rohan: Esboço biográfico*, de 1894, escrito poucos dias após o falecimento de Henrique Rohan, que, *Viagem de Cuiabá ao Rio de Janeiro*, abriu as portas do Instituto Histórico para ele (TAUNAY, 1895, p. 78). Além dessas conexões, há rastros no próprio relato que evidenciam as intenções do autor e seus usos políticos.

A escrita de si e os usos políticos do relato de viagem

A afirmação de Taunay sugere que o relato de viagem foi decisivo para o ingresso de Henrique Beaurepaire no IHGB, embora outros elementos tenham contribuído para isso. Rohan era membro das elites imperiais, seguindo um caminho na carreira militar e de ascensão social que já vinha sendo pavimentado pelo pai. Ao considerar o caráter aristocrático do Instituto e sua função de produzir certa visão de Brasil no interior das elites imperiais (SALGADO GUIMARÃES, 1988, p. 6), era pouco provável que ele não ingressasse em algum momento na instituição, principalmente devido ao seu ofício de engenheiro militar. Entretanto, o que mais me interessa é compreender o movimento que o autor realizou em direção ao reconhecimento e à projeção de sua imagem como uma autoridade sobre o território nacional.

Foi a partir da viagem, da experiência, de seu registro e da publicação do relato que o engenheiro militar começou a figurar como uma autoridade nos assuntos ligados ao território nacional. A narrativa de seu retorno para o Brasil constitui-se como o primeiro exercício intelectual de construção de uma escrita, ao mesmo tempo, etnográfica e corográfica. Ao iniciar seu retorno, partindo de Cuiabá, ele chama a atenção em seu texto para a novidade que aquele percurso representava:

Vou, pois, relatar o que de mais importante observei durante este meu trajeto; e como sou o primeiro que o efetuei, mencionarei todas as circunstâncias que poderão servir de guia a outros viajantes. Também darei algumas notícias relativamente ao estado físico, moral e histórico daqueles lugares que nos são menos conhecidos (ROHAN, 1869, p. 376).

O major destaca que seu deslocamento inauguraria um novo percurso capaz de servir de guia a outros viajantes, valorizando, assim, a singularidade de sua experiência. Além do ineditismo de sua aventura, ele afirma pretender assinalar o estado físico, moral e histórico dos lugares poucos conhecidos, o que demonstra sua preocupação em documentar a paisagem e todos os seus elementos, seguindo as diretrizes, como vimos, de uma escrita corográfica.

O caráter “menos conhecido” do Paraguai pode ser entendido também com um item que denota maior relevância à sua expedição, afinal, não apenas o caminho era inédito, mas as paisagens e

as características daquela república eram, em certa medida, inauditas. Ademais, a pouca familiaridade com o Paraguai, se comparada com a de outros países limítrofes, como Argentina e Uruguai, pode ser fruto da geopolítica do Prata e da postura que o Paraguai adotou mediante sua posição geográfica na região.

Vitor Izecksohn afirma que, na primeira metade do século XIX, após sua Independência, em 1811, a república paraguaia adotou uma política protecionista e práticas regulatórias de Estado, forçadas por um isolamento comercial provocado pelo bloqueio naval responsável por estancar o comércio no rio Paraguai, entre 1814 e 1852, promovido pelo governo argentino de Juan Manuel Rosas. As fragilidades diante da Argentina, contribuíram para fortalecer a identidade da nação guarani (“excepcionalismo paraguaio”) e reforçar as práticas protecionistas, a fim de conter a influência da Confederação Argentina, marcada por sérias disputas internas entre Buenos Aires e as demais províncias (IZECKSOHN, 2009, pp. 389-390).

Independente do grau de conhecimento e informações sobre aquelas regiões e o Paraguai, o que chama atenção é a iniciativa de Henrique Rohan de destacar essa dimensão. Nesse aspecto, ficam expressas as intenções do autor de se colocar como um pioneiro ao desbravar esses lugares menos conhecidos, o que revela marcas de si presentes no relato. Ao pôr em relevância o ineditismo de sua experiência e do seu registro, o major parece buscar reconhecimento e valorização do seu feito.

Tal qual sua partida de Cuiabá, sua chegada ao Rio de Janeiro em 14 de setembro de 1846, reforça a intenção de formular uma autoimagem:

Dia 14 - Cheguei ao Rio de Janeiro, que desejado já de tantos fora, cinco meses e sete dias depois de minha saída de Cuiabá, compreendidos dois meses e vinte e sete dias de falha. No dia seguinte tive a honra de ser apresentado a SS. MM II e sua augusta família. A benevolência do Monarca, que se dignou interrogar-me sobre algumas circunstâncias do meu trajeto, o acolhimento que recebi dos seus ministros e o prazer tão natural de tornar a ver a minha família e amigos, de que havia dois anos e meio me achava separado, fizeram-me prontamente esquecer alguns incômodos que passei durante esta viagem, da qual não conservo hoje senão recordações agradáveis, e a satisfação de ter conhecido esse Paraguay que tão penosa celebridade adquirira durante o seu injusto cativo (ROHAN, 1869, p. 397).

Certamente, reencontrar seus familiares e seus amigos revela a emoção do autor e o alívio de estar novamente em casa. Mais emocionante, porém, foi ter sido recebido por Dom Pedro II, sua família e seus ministros no dia seguinte a sua chegada, e encontrar o monarca interessado em ouvir as histórias de sua excursão. Nesse fragmento, é possível inferir que Rohan, mais uma vez, faz um movimento de valorização de sua viagem, destacando não apenas a ilustríssima recepção, mas o interesse despertado por seu trajeto. As convergências entre a excepcionalidade daquele roteiro e a distinção com a qual foi recebido, novamente, coroam a importância daquele evento.

Ao enfatizar as circunstâncias de seu retorno, o engenheiro militar exaltava o mérito do seu feito e, sua publicação na revista do IHGB, ajudou a projetá-lo como uma referência, uma autoridade, nos assuntos sobre o Mato Grosso e o Paraguai, o que, ao longo de sua trajetória, irá se expandir para a compreensão do território nacional. Nesse sentido, a viagem e o relato, o vivido e o narrado, além de representarem um interesse genuíno em conhecer aquelas fronteiras, foram mobilizados politicamente pelo major graduado para se posicionar como um letrado diante de seus pares (elites e autoridades científicas), digno de se tornar sócio correspondente do IHGB.

Deste modo, o autor revela em pequenos trechos de sua escrita corográfica, na qual pretendia a objetividade científica e a precisão das informações, sua pretensão por reconhecimento e notoriedade. Essas marcas sugerem haver uma escrita de si sendo produzida, envolvendo as intenções do autor, as expectativas pelo reconhecimento e os ganhos políticos que poderiam advir da vulgarização do relato.

Importante acrescentar que Beaurepaire Rohan escreveu *Viagem de Cuiabá ao Rio de Janeiro, pelo Paraguay, Corrientes, Rio Grande do Sul e Santa Catarina* por iniciativa própria. O objetivo de sua missão no Mato Grosso era trazer informações sobre o Baixo Paraguai, o que ficou registrado em *Exposição do estado político, militar e moral do Baixo Paraguay, extremidade meridional da província de Matto Grosso*. Desta forma, a viagem por um caminho mais longo e, segundo ele, inédito, foi um projeto pessoal, bem como a decisão de produzir uma memória sobre essa experiência.

O fato é que o relato de viagem adquiriu muito mais importância do que *Exposição do estado político, militar e moral do Baixo Paraguay*. *Viagem de Cuiabá ao Rio de Janeiro* é celebrado por seus biógrafos como um profundo estudo sobre o Mato Grosso e o Paraguai, ainda que ele tenha publicado outros artigos em jornais e revistas sobre aquela província e o país guarani. Francisco

Homem de Mello destaca o mérito de Rohan em sua viagem por ter visitado locais que foram palco de acontecimentos decisivos durante as guerras de Independência no Prata e conversado com figuras importantes: “São de sumo interesse, ainda na atualidade, os esclarecimentos históricos, que o autor recolheu, nos próprios cenários, dos grandes personagens do tempo” (MELLO, 1899, p. 57).

A posição de Henrique Beaurepaire Rohan no relato de viagem e a forma como ele mobilizou politicamente a circulação de seu escrito, sugerem formas de produção de si e a construção de uma autorrepresentação. De acordo com Angela de Castro Gomes, as práticas de produção de si envolvem um conjunto diversificado de ações que consideram desde a escrita de si propriamente dita, até a constituição de uma memória de si (GOMES, 2004, pp. 15-16). O diário de viagem do major extravasa intenções, expectativas pessoais e uma direção muito clara: tratava-se de um texto direcionado ao IHGB.

Michael Pollak, ao analisar as relações entre identidade social e memória, ressalta que, na elaboração de uma identidade, existe a construção de uma imagem de si, para si e para os outros. A imagem, portanto, que a pessoa constrói e apresenta para si própria e para os outros, revela a forma a como ela se representa e como deseja ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 5). O autor lembra ainda, citando Maurice Halbwachs, que a memória é um fenômeno coletivo e social. Assim, os fatos dignos de serem lembrados e esquecidos ganham relevância no contexto social.

No entrecruzamento entre a escrita corográfica, as notícias sobre o Paraguai, as recepções e encontros ilustres que o major faz questão de ressaltar, acompanhamos o autor formulando uma imagem de si na qual ele alinhava objetivos políticos e intelectuais específicos. Certamente, pretendia ingressar no IHGB e, sua chancela para isso, eram os saberes sobre o território mato-grossense e paraguaio. Deste modo, Beaurepaire Rohan buscava ser reconhecido como um letrado a partir do lugar socioprofissional que ele ocupava: a engenharia militar.

O território e o espaço físico exerciam um papel fundamental na elaboração do projeto de nação do Estado Imperial. De acordo com Ilmar Rohloff de Mattos, o esquadrinhamento do território nacional, por meio de mapas, plantas, registros, corografias, censos e estatísticas, representava uma forma de controle sob o território nacional, em um movimento que ele denominou de “expansão para dentro” (MATTOS, 2007, pp. 55-57). Na tarefa de se apropriar do território nacional, os engenheiros militares haviam adquirido expertise, pois sua intensa circulação pelas

diversas regiões do Império, as atividades ligadas a circunscrição dos espaços, e a formação técnica e científica que os oficiais engenheiros recebiam, compunham o repertório de práticas e conhecimentos que esses profissionais colocavam a serviço do Estado Império.

Desse modo, Henrique Beaurepaire Rohan, em 1847, buscava ser reconhecido não apenas como um letrado, mas como um especialista nos assuntos do território nacional. Nesse sentido, *Viagem de Cuiabá ao Rio de Janeiro, pelo Paraguay, Corrientes, Rio Grande do Sul e Santa Catarina*, carrega marcas de uma escrita si com intenções veladas e objetivos de reconhecimento e validação de seu autor. Com efeito, ao se colocar como uma referência sobre o Mato Grosso e o Paraguai, portador de informações inéditas, o engenheiro militar, como diria Michael Pollak, produzia sua imagem de si, para si e para os outros. Não bastava ser membro das elites, era necessário ganhar legitimidade dos pares na instituição científica e intelectual mais importante do Estado Imperial.

Podemos depreender, então, que o autor realizou várias operações em sua viagem de retorno para o Brasil. Ao escolher um percurso mais longo, que ele afirmava ser novidade, o major graduado visava se colocar como um pioneiro a desbravar aquelas terras menos conhecidas. A descrição minuciosa do estado físico, moral e histórico do Paraguai e a precisão das informações demarcam o gênero corográfico como uma prática de registro comum entre os engenheiros militares, que dialogava com as diretrizes do IHGB. Destacar os personagens ilustres que o receberam no decorrer de sua jornada, como o presidente do Paraguai Carlos Antonio Lopez e o Imperador Pedro II, além de um fato, tornava-se um elemento de valorização do sujeito e de seu empreendimento. Todas essas dimensões contribuíram para os usos políticos que o major fez de sua viagem e de seu relato.

Nesse aspecto, é significativo considerar os dois momentos distintos na elaboração da memória de si do autor: a viagem propriamente dita e o relato. Kaori Kodama chama atenção para essas duas perspectivas, do registro e da experiência. Para ela, o ato de registrar como um testemunho do *vivido*, conferia legitimidade àqueles saberes, “como um conhecimento que poderia ser coletivizado” (KODAMA, 2007, p. 168). No mais, o tempo decorrido entre o vivido e o narrado, possibilitou que o autor selecionasse, revisasse e reconstituísse sua narrativa, modificando e editando fatos e informações, uma vez que era protagonista, narrador e editor de si (SOUSA, 2022, pp.70-71). O que, mais uma vez, reforça o caráter de uma escrita de si no registro coletivizado e revela mais uma faceta da elaboração de sua autorrepresentação.

Considerações finais

Henrique Beaurepaire Rohan partiu de Cuiabá em 7 de abril de 1846 para uma viagem que duraria pouco mais de cinco meses, percorrendo não apenas o território paraguaio, mas também parte da Argentina e do Sul do Brasil. Ao longo de seu trajeto, registrou paisagens, aspectos naturais, sociais e culturais dos lugares por onde passou. Documentou a topografia, a dinâmica fluvial do rio Paraguai, populações indígenas, fortes militares, vilas, freguesias e seus moradores. Em Assunção, observou o modo de vida, o número de instituições públicas, ruas, atividades produtivas e os costumes dos paraguaios. Entrou novamente em território brasileiro no final de junho daquele ano, navegando o rio Uruguai para acessar o Rio de Grande do Sul, e chegar, enfim, ao Rio de Janeiro em 14 de setembro de 1846.

Anos mais tarde, Beaurepaire Rohan voltaria novamente sua atenção para o Paraguai, mas sem o mesmo entusiasmo e admiração dos anos 1840. Ao contrário, colocou-se em oposição ao regime de Solano Lopez ao ser nomeado Ministro e Secretário dos Negócios da Guerra, entre 1864 e 1865, no primeiro de conflito da Tríplice Aliança contra o Paraguai. De acordo com Francisco Homem Mello, Rohan elaborou uma das estratégias mais eficientes para atacar o exército de Solano Lopez e pôr fim ao conflito, mas teve sua proposta rejeitada pelo gabinete comandado por Zacarias de Góis e Vasconcelos. Foi também um dos responsáveis pelo decreto dos Voluntários da pátria (MELLO, 1899, p 77).

É muito provável que o engenheiro tenha sido convocado para comandar o Ministério da Guerra devido seu profundo conhecimento sobre o Mato Grosso e sobre os limites Brasil e Paraguai, adquiridos entre 1844 e 1846. De acordo com Joaquim Ferreira Moutinho, comerciante português a viver por muitos anos em Cuiabá, a estratégia de Henrique Rohan na guerra, que poderia ter evitado a invasão ao Mato Grosso pelo exército paraguaio, era fruto “de um profundo estudo do país, conhecido por s. Exc, theorica e praticamente” (MOUTINHO, 1869, p. 267).

Viagem de Cuiabá ao Rio de Janeiro, pelo Paraguay, Corrientes, Rio Grande do Sul e Santa Catarina foi o primeiro texto com conteúdo geográfico, moral e histórico que Henrique Beaurepaire Rohan escreveu, cujo caráter, além de uma corografia, expressava também uma etnografia, especialmente

por apresentar informações sobre as populações indígenas do Brasil meridional e do Paraguai. O diário de viagem de 1847 deu suporte para que o engenheiro militar escrevesse, pouco tempo depois, *Considerações acerca da conquista, catequese e civilização dos selvagens do Brasil*, de 1853, publicado na Revista Guanabara e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Trabalho este que compreende um projeto de civilização e assimilação dos indígenas baseado no sistema de diretorias indígenas ligado ao Estado Imperial, semelhante aos destacamentos militares de fronteira (ROHAN, 1853).

O relato de viagem inaugurou na trajetória do engenheiro militar um gênero narrativo que visava formas de apropriação do território nacional e suas populações. Além disso, tratava-se de um exercício intelectual de pensar as questões nacionais que ele foi aperfeiçoamento ao longo do tempo. Alguns textos a refletirem essas dimensões são *Considerações acerca dos melhoramentos de que, em relação às secas, são susceptíveis algumas províncias do norte do Brazil* (1860); *Relatório final da Comissão da Carta Geral do Império* (1878); e, *Estudos acerca da organização da carta geographica e da história physica e política do Brazil* (1878). Neste último em especial, o major propôs efetivamente um modelo de escrita da história física e política do Brasil, associando informações corográficas das províncias e elementos presentes na Carta do Império de 1875 (ROHAN, 2010).

Henrique Beaurepaire Rohan tornou-se sócio correspondente do IHGB, chegou a ser vice-presidente e segundo secretário nos anos 1880, e comandou as atividades na seção de trabalhos geográficos na instituição. Sua estada em várias regiões, sua atuação como presidente de província e engenheiro, revelam, em seus registros, um imbricamento entre experiência, território nacional e escrita corográfica. Sua trajetória nos ajuda a compreender como sujeitos, membros das elites imperiais, projetavam a si e a sua imagem como um movimento político de ajuste nas estruturas de poder, consciente e inconscientemente.

Referências bibliográficas

- ALONSO, Angela. **Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CAPILÉ, Bruno. VERGARA, Moema. Mapa e poder nas grandes exposições: preparação para a Filadélfia. In: CRUZ FERREIRA, Tânia Bessone; RIBEIRO, Gladys Sabina; GONÇALVES,

- Monique de Siqueira (Org.). **O Oitocentos entre livros, livreiros, impressos, missivas e bibliotecas**. 1. Ed. São Paulo: Alameda, 2013.
- GOMES, Angela de Castro. **Escritas de si, escritas da história: a título de prólogo**. In: GOMES, Angela de Castro. **Escritas de si, escritas da história**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. **O periódico de uma société savante: a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1889)**. ArtCultura, Uberlândia, v. 14, n. 25, p. 37-49, jul.-dez. 2012.
- IZECKSOHN, Vitor. **A guerra do Paraguai**. In: GRINBERG, Keila. SALLES, Ricardo (Orgs.). **O Brasil Imperial**, volume II: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- KODAMA, Kaori. **Entre a experiência e o registro: o conhecimento geográfico e histórico no Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará...**, de Raimundo José da Cunha Matos. In: LEITE, Monica; FONSECA, Sílvia C. P. de B. (org.). **Entre a Monarquia e a República: imprensa, pensamento político e historiografia**. 1822-1889. Rio de Janeiro: Uerj, 2008.
- LEAL MENEZES, Paulo Márcio. **A cartografia do Império do Brasil**. In: IV Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica. **Anais**. Porto-Portugal, 2011.
- LEVI, Giovanni. **Usos da biografia**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- LORIGA, Sabina. **A biografia como problema**. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- MATTOS, Ilmar Rohloff. **Entre a casa e o Estado: nação, território e projetos políticos na construção do Estado imperial brasileiro**. In: CARBÓ, Eulalia Ribera; Vargas, Héctor Mendonza; MARTÍN, Peres. **La Integración del territorio en una idea de Estado: Mexico y Brasil, 1821-1846**. México: Unam: Instituto de Investigaciones Dr. José María Mora, 2007.
- MELLO, Francisco Ignácio Marcondes Homem e ROHAN, Henrique Beaurepaire. **Biografia do Conde de Beaurepaire/por seu filho o Visconde de Beaurepaire Rohan; Biografia do Visconde de Beaurepaire Rohan/pelo Barão Homem de Mello**. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1899.
- MOUTINHO, Joaquim Ferreira. **Notícias sobre a província de Matto Grosso**. São Paulo: Typographia de Henrique Schroeder, 1869.
- POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.
- ROHAN, Henrique Beaurepaire. **Anais do Mato Grosso**. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Mato Grosso, 2001.
- ROHAN, Henrique Beaurepaire. **Considerações acerca da conquista, catequese e civilização dos selvagens do Brasil**. O Guanabara: Revista Mensal, Artística, Científica e Litteraria (1838-1855), t. II, ed. 1, ano 1853.

ROHAN, Henrique de Beaurepaire. **Estudos acerca da organização da carta geographica e da história physica e política do Brazil.** In: SALGADO GUIMARÃES, Manoel Luiz. **Livro de fontes de historiografia brasileira.** Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

ROHAN, Henrique de Beaurepaire. **Viagem de Cuiabá ao Rio de Janeiro, pelo Paraguay, Corrientes, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.** RIHGB, 1869.

SALGADO GUIMARÃES, Manoel Luiz. **Nação e civilização nos trópicos: O instituto histórico e geográfico brasileiro e o projeto de uma história nacional.** Estudos históricos, Rio de Janeiro, 1988.

SOUSA, Eveline Almeida de. **Território nacional em movimento: A trajetória de Henrique Beaurepaire Rohan (1844-1884).** Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2022.

TAUNAY, Alfredo Maria d'Escragnolle. **Visconde de Beaurepaire Rohan: esboço biográfico pelo Visconde de Taunay.** Revista Trimestral do IHGB. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, LVIII, 1895.